

UME PEDRO II

TURMAS: 8º ANO A/B/C

AULA 6 – PORTUGUÊS (SEMANA DE 12 A 30 DE ABRIL)

PROFESSOR(A): ELAINE FEITOSA

ENCAMINHAR PARA: elaine.f.c.p.b@gmail.com

CRÔNICA REFLEXIVA: o exercício de um olhar atento e crítico

Ser cronista é perceber, nas situações do dia a dia, algo que a maioria das pessoas não vê. Passando pela rua, recebendo informações pela mídia, lendo literatura, o cronista capta um detalhe da realidade e procura apresentá-lo a seus leitores de um modo inovador. Vamos conhecer, nesta quinzena, um dos tipos de crônica: a crônica reflexiva. Iniciaremos com a leitura de uma crônica de Marina Colasanti, escritora de grande prestígio no Brasil. Leia o texto a seguir e realize as atividades.

Generosa vingança



Passei num ponto da calçada onde sempre passo, e já não era a mesma calçada. Justo no dia anterior eu havia me detido naquele ponto, surpresa de nunca ter reparado na árvore que agora me atraía. Um fícus. Mas, para lá de toda definição botânica, uma presença majestosa, um verde amplo como campo suspenso, plena harmonia de ramos e folhas, de luz refletida e sombra projetada. O tronco plural – fícus nunca têm um único tronco, mas uma entidade tronco feita de filamentos, acréscimos, ondulações – projetava-se um tanto sobre a rua para escapar dos edifícios. Reparei, não sem uma ponta de inquietação, que raízes haviam quebrado uma parte da calçada e protuberavam no asfalto. E me iludi pensando que as autoridades, sempre tão cegas, não reparariam nesse avançar.

Repararam. Passei na calçada onde sempre passo, e todo aquele trecho, antes acolhedor como um bosque, havia sido brutalmente despido. Uma luz descarada alastrava-se como inundação por toda parte, rodeando o tronco que, justo no dia anterior, eu havia acariciado com o olhar. E não havia uma única folha.

Não foi uma poda razoável. Foi uma tentativa de assassinato. Cortaram os galhos junto ao tronco como se decepassem braços junto ao ombro. Nada sobrou além do monólito vegetal, espécie de menir urbano com que só os deuses podem dialogar. E não duvido que funcionários venham com serras mais potentes para eliminá-lo.

Justamente nesses dias, Daniel Chamovitz [estadunidense radicado em Israel] havia nos dito que as plantas sentem quando são tocadas, percebem cheiros e gostos, podem ver. Chamovitz sabe tudo do assunto, é geneticista de plantas, autor de um livro *What a plant knows* [O que uma planta sabe].

Já sabíamos que tomateiros reagem com pavor quando um tomateiro vizinho é atacado, que estremecem quando feridos ou queimados com fósforo. O que não sabíamos – eu, pelo menos – é que, ao ser atacada, uma árvore – suponho que também um tomateiro – libera no ar substâncias químicas que outra árvore – ou tomateiro – sente. Sistema defensivo útil quando se trata de um ataque de insetos ou de uma praga, contra a qual a criatura vegetal ao lado pode criar mecanismos de defesa. Mas esforço sem resultado se o atacante é um ser humano. E patético quando ele vem armado de serra e machado.

Teriam as outras árvores da calçada, tão menos exuberantes, captado a tortura à qual a companheira estava sendo submetida? Árvores sabem distinguir luzes, as azuis, das vermelhas. Mas desconhecem intenções, e não tinham como saber que só o fícus havia sido marcado para morrer. Durante horas, um pavor desnecessário e invisível habitou aquele trecho de calçada. Impossibilitadas de fugir, elas temeram igual destino.

Hoje tive minha vingança. Voltando para casa, com a alma ainda amarrotada pelo ataque ao fícus, reparei num mamoeiro que o acaso, ou a mão devota de alguém, plantou no canteiro frente a um prédio. Um mamoeiro inesperado e tão jovem, da minha altura, delicado como sabem ser os mamoeiros, tronco esguio e limpo, folhas de longo talo simetricamente esparsas no alto. Jovem, mas já trabalhando com firmeza. Junto ao tronco, no despontar dos talos, havia produzido brotos que logo seriam flores, e flores brancas que mais lentamente seriam frutos.

A vingança é da natureza, respondendo com multiplicação e abundância, à brutalidade dos ataques. Mas a faço minha, pelo vazio que senti com a ausência na calçada, e pelo risco de atropelamento que corro atendendo aos encantos vegetais.

Marina Colasanti. Disponível em: <> Acesso em: 14 set. 2018.

DESVENDENDO O TEXTO

01- A crônica trata da poda radical feita em uma árvore:

- a) Como a cronista soube desse fato?
- b) A relação dela com a árvore era recente ou antiga? Justifique sua resposta.
- c) A cronista achava que a árvore poderia sofrer alguma intervenção humana? Explique sua resposta.

02- Releia os três primeiros parágrafos.

- a) Devido à cor, com o que a árvore foi comparada no primeiro parágrafo?
- b) No momento da escrita da crônica, como a árvore se apresentava?
- c) A cronista menciona o surgimento de uma “luz **descarada**”. Consulte um dicionário e anote o significado do adjetivo. A expressão poderia ser trocada por *luz forte* sem alteração de seu efeito? Por quê?
- d) Transcreva trechos dos parágrafos 1 a 3 que associam a poda da árvore a um ato de violência. e) Copie o trecho que revela o carinho da cronista com a árvore, portanto uma atitude oposta à violência mencionada no item d.

03- A menção ao que disse um especialista em plantas introduz um aspecto novo no relato.

- a) O que o exemplo dos tomateiros revela?
- b) Como essa informação geral sobre as plantas foi usada na reflexão sobre a poda do fícus?
- c) Por que a reflexão sobre certas habilidades das plantas torna a poda do fícus mais impactante para o leitor?
- d) A cronista afirma que o sistema defensivo das plantas é “patético” diante de serras e machados. Qual é o significado da palavra nesse contexto: o que causa piedade ou o que provoca riso?

04- Para concluir o texto, a cronista relata mais uma situação envolvendo plantas.

- a) Por que ela considerou o mamoeiro observado uma vingança da natureza?
- b) A expressão generosa vingança, que é o título da crônica, contém uma contradição. Por quê?
- c) Qual é sua interpretação desse título?